

CAPÍTULO 8

RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS EM CHARGES SOBRE A PANDEMIA: O NÃO RISÍVEL DO HUMOR

Arlete Ribeiro Nepomuceno
Maria Inês Alves de Souza
Maria Clara Gonçalves Ramos
Vera Lúcia Viana de Paes
Maria Cristina Ruas de Abreu Maia
Maria Ieda Almeida Muniz

RESUMO

A charge, um gênero textual-discursivo que denuncia uma realidade social, apresenta a ironia como um gesto, marcada pelo humor não risível. Para refletir sobre esta questão, objetiva-se evidenciar relações interdiscursivas em duas charges veiculadas em um contexto social, político e pandêmico de produção. Como objetivo específico, analisa-se como elementos verbo-visuais e discursivos resultam no humor crítico, o não risível no humor. Tal proposta justifica-se pela importância social deste gênero, visto que a crítica nele expressa, pelo jogo entre imagens e palavras, chama a atenção dos leitores para um problema atual, a pandemia de coronavírus, da mesma forma que a linguagem multissemiótica possibilita refletir sobre temas públicos. A metodologia desta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa de natureza interpretavista, fundamentada no enquadramento teórico da Análise do Discurso, em interlocução com a multimodalidade, com a análise de duas charges. Os resultados obtidos no exemplário indicam a presença de interdiscursos que disfarçam, por meio da ironia e do discurso jocoso, críticas a eventos ocorridos a partir da realidade vivenciada no contexto pandêmico, com multimodos sígnicos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Charges. Ironia. Multimodalidade.

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da tecnologia, a sociedade se depara, nos discursos, com artefatos sígnicos, o que requer dos leitores um letramento profícuo, necessitando de ler para além do verbal, cujas multissemioses visuais não figuram com equivalência coadjuvante, mas intercomplementares, exigindo leituras específicas e contextualizadas, com vistas ao pleno entendimento deles.

Soma-se a isso a importância da linguagem sociossemiótica, na busca de interpretar sujeitos, sentidos e ideologias que se (re) constituem no e pelo discurso, e do modo como se materializa esse discurso, em forma de texto. Assim, a Análise do Discurso propõe um estudo de aspectos que alinham o linguístico ao discursivo, inclusive aspectos extralinguísticos.

Este estudo caracteriza-se pela análise interpretativa de charges. No vasto espaço discursivo dos gêneros, limita-se esta pesquisa a trabalhar com a charge, entendida como meio de denunciar, criticamente, determinada realidade social, marcada pelo não risível do humor,

tendo como pano de fundo a Análise do Discurso, doravante AD, da escola francesa, que discute relações discursivas, nas quais se priorizam aspectos implícitos.

Na contemporaneidade, as charges são publicadas em redes sociais, mídias e jornais, com artefatos sígnicos, em que o chargista, com fulcro em implícitos, se utiliza da recriação de fatos atuais que podem representar um problema social, de interesse mundial, pelas caricaturas. No estudo empreendido, as charges selecionadas partem da realidade vivenciada no contexto pandêmico acarretado pela Covid-19, com o uso da sátira, do deboche, da ironia e do jogo entre palavras e imagens, o que possibilitou ao chargista criticar a realidade social.

O leitor tem de estar bem informado sobre notícias e acontecimentos atuais, atentando-se ao contexto de produção deles para entender o discurso mascarado pelo chargista. Caso contrário, não é capaz de realizar inferências para a captação dos efeitos de sentido do assunto explorado, incluindo o humor irônico que nem sempre leva ao riso, abrindo possibilidade para refletir sobre o risível e não risível.

A charge, para Silva (2004, p. 13), é “o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Portanto, ampla pode ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia”. Tal assertiva, segundo Maia (2011), instancia a natureza subjetiva dela, pois, à medida que representa a opinião do chargista da realidade, interpreta-se que nela “subjaz uma ideologia”, como em todo texto opinativo, informativo e argumentativo.

Isso posto, para a construção de sentidos, como objetivo geral, analisam-se as relações interdiscursivas em duas charges veiculadas em um contexto social, político e pandêmico de produção. Como objetivo específico, analisa-se como elementos verbo-visuais e discursivos resultam no humor crítico, o não risível nele: a ironia.

Convém ressaltar que a charge trabalhada encontra-se veiculada no espaço cibernético, pois, atualmente, as pessoas têm mais acesso à *internet*, independentemente da classe social ou faixa etária, na era da “virada digital”, em que, com uma simples publicação, é possível atingir um número maior de pessoas, o que facilita ao chargista expor uma crítica de forma humorada.

A escolha deste gênero justifica-se pela flexibilidade e pelo dinamismo da língua(gem) apresentado por ele, na abordagem de temas atuais, marcados pela crítica e denúncia social, não se limitando ao plano verbal, mas voltando-se, também, ao não verbal (imagens, caricaturas, ironia etc.). Justifica-se, ainda, pela importância social dele, pois a crítica em forma de caricaturas, gestos, imagens e palavras chama a atenção dos leitores para a pandemia do

coronavírus e para o papel da linguagem na reflexão sobre temas públicos, compreendendo a sátira no discurso chargístico.

Metodologicamente, o estudo fundamenta-se no método qualitativo, interpretando duas charges à luz da AD, veiculadas na mídia digital, com a possibilidade de perceber discursos emergentes de práticas concretas, por meio da multimodalidade, dando ênfase à ironia, na seleção de categorias analíticas.

A partir dessas considerações, em termos de divisão estrutural, este artigo apresenta-se em três seções. Na primeira, realiza-se uma discussão teórica sobre pressupostos da AD de linha francesa, bem como uma discussão que orbita em torno do gênero charge, humor e multimodalidade. Na segunda, são expostos os procedimentos metodológicos. Por fim, apresenta-se a análise de duas charges, a partir de conceitos abordados, apontando questões mais relevantes, e a conclusão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, propõe-se, inicialmente, apresentar, sob a ótica da AD francesa, a discussão do percurso dessa corrente teórica, com conceitos basilares, para o enquadre das análises. Visando ao *corpus* selecionado, depois, discorrem-se as considerações sobre o gênero charge, com características que lhe são peculiares: críticas satíricas ou ironia e multissemioses.

2.1 Sobre a Análise do Discurso: contextualização

A partir da década de 1960, o fundador Pêcheux, retomando estudos marxistas e *althusserianos*, desenvolve a teoria materialista do discurso, em que a semântica não é só parte da linguística, mas uma realidade linguística, cujos estudos passam por fases distintas, que “[...] refletem revisões teóricas e mudanças no pensamento dele que se ocupou da proposição dessa área de conhecimento” (FERNANDES, 2021, p. 80), com postulados revistos e reformulados.

Na primeira fase da AD, resultante de uma posição estruturalista, Pêcheux (1990) apresenta, a partir de Althusser, a noção do sujeito como ser assujeitado (impulsionado pela máquina discursiva), para quem o conceito de maquinaria torna o processo de produção do discurso como autodeterminado e fechado. Com isso, a neutralidade nas sequências linguísticas trazia às condições de produção a estabilidade e homogeneidade.

Para Fernandes (2021, p. 82): “Na AD1, o discurso foi considerado como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas, sendo também homogêneo, ou seja, uma maquinaria discursiva fechada em si”. Assim, o sujeito acreditava ser o produtor discursivo,

mas estava apenas assujeitado às condições de produção, sendo a AD1 vista como um conjunto homogêneo de saberes, em que texto e contexto de produção discursivo não se separam.

Na segunda fase, o conceito de máquina fechada vai se distanciando, e abre-se espaço à reflexão sobre a noção de formação discursiva, a partir de ideias *foucaultianas*, sob formação histórica e condições de produção. A formação discursiva determina o que pode ser dito a partir do contexto social do sujeito, o que desfaz a primeira teoria baseada na homogeneidade, já que ela é atravessada por elementos de outras formações, constituindo-se de elementos exteriores. Pêcheux (1990) traz a noção de interdiscurso, definido, mais tarde, como

presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva. Diferentes discursos entrecruzados constitutivos de uma formação discursiva dada (FERNANDES, 2021, p. 46).

Na terceira fase, há noção de desconstrução de maquinaria, em que a ideia da homogeneidade na produção discursiva e da neutralidade são abandonadas, dando início à inquietação e ao questionamento dos sentidos discursivos e do papel do sujeito, necessitando de uma reflexão sobre heterogeneidade discursiva. Segundo Fernandes (2021, p. 83): “São colocadas, enfim, várias interrogações acerca do sujeito do discurso, do espaço de memória, e sobre a Análise do Discurso em si, enquanto procedimento de análise [...]”.

Nesse viés, a linguagem passa a ser analisada na prática, e não apenas como regras, buscando estudar o processo discursivo e a produção de sentido, pois, em um mesmo discurso, emergem diferentes significações. Portanto, a AD rompe com teorias linguísticas anteriores, valorizando o contexto e o sujeito na comunicação, elementos essenciais, e não simples componentes desta corrente linguística.

Na sequência, após essas breves considerações, destacam-se os principais pilares da AD: o discurso, sentido, sujeito, ideologia, a formação discursiva, entre outros, conceitos a serem utilizados quando da análise do *corpus*.

2.2 Discurso, sentido, sujeito e formações ideológicas

O objeto principal da AD é o discurso, cujo conceito se alicerça em Foucault (1973 *apud* GUERRA, 2009, p. 12), para quem o discurso é “como um conjunto de enunciados regulados numa mesma formação discursiva”, com um efeito de sentido construído no processo de interlocução. Ele não se confunde com transmissão de mensagens, pois a AD não trata apenas da transmissão de informações, sendo o discurso “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 1999, p. 15).

Na esteira da AD, propõe-se o conceito “discurso”, em vez de “mensagem”, como processo de comunicação, ocorrendo com a linguagem, afetada pela relação entre sujeitos, língua e história, os quais demonstram a complexidade desse processo de significação que resulta na constituição desses sujeitos e nas produções de sentido.

Na senda de Guerra (2009), o sujeito, formado por vozes de outros, não é a origem do sentido e do significado. O sujeito é o produto de várias vozes, além de ter relações com o socioideológico, e tem um caráter heterogêneo: “essencialmente ideológico e histórico, pois insere-se num determinado lugar e tempo. Ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, inserido num tempo e espaço socialmente situados” (GUERRA, 2009, p. 9).

Com essa concepção, língua e discurso complementam-se, pois, com o desenvolvimento da relação entre a língua e os sujeitos falando, é possível a comunicação e a transformação da realidade social. Para a AD, a língua não é abstrata, mas, sim, detentora de significação e de produção de sentido, um meio comunicativo numa relação entre sujeitos falantes. Assim, em um estudo discursivo, além de compreender a língua como símbolo que dá sentido ao homem e à história dela, entende-se a fala do homem como a prática da linguagem.

Na AD, o discurso configura-se na relação entre os aspectos (extra) linguísticos, no qual a linguagem serve “para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são de sujeitos e de sentidos cujos efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2001, p. 21). Corroborando Fernandes (2005), quando se pensa discurso, não se fala em língua/fala de Saussure, pois o discurso está envolto nos elementos extralinguísticos e, por meio deles, postula-se a existência deste.

No discurso, o chargista traz consigo ideologias, crenças, posições e valores sociais que, quase sempre, aparecem de forma implícita, deixando o leitor buscar a compreensão dele no jogo de palavras e imagens, associando-o a um contexto histórico, uma realidade social e um dado espaço geográfico. Ao falar sobre sentido, não se fala sobre significação das palavras, e sim de sentidos produzidos entre os sujeitos ao se manifestarem pela linguagem, já que só existe produção de sentidos por conta de cada sujeito inscrito no discurso e do modo como estes compreendem a realidade sociopolítica da sociedade.

Discurso e ideologia completam-se, pois a ideologia materializa-se nele. Consoante Pêcheux (1997), citado por Fernandes (2005):

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (PÊCHEUX, 1997, p. 190, *apud* FERNANDES, 2005, p. 23-24).

2.3 Formação Discursiva

Em um contexto discursivo, segundo Brandão (2004), a formação discursiva forma-se a partir da formação ideológica, correspondendo às atitudes ideológicas de cada sujeito, figurando, pois, como posições de classes em conflito umas com as outras. Desse modo, cada formação discursiva pode conter formações ideológicas interligadas, em que ela define o dizer, o que pode ou não ser dito e o espaço, lugar sócio-histórico para o dito.

A formação discursiva possibilita que um mesmo assunto se apresente com várias formações discursivas, podendo ocasionar alterações de sentido, constituídas pela contradição, por exemplo, (re) configurando-se no fio discursivo e correspondendo ao processo de formação do sentido e às relações ideológicas que regulam o funcionamento do discurso.

Fernandes (2005), trabalhando com a noção de formação discursiva, reporta à indagação de Foucault (1995), o qual questiona como um enunciado apareceu em detrimento de outro, cujo questionamento resulta na compreensão de diferentes discursos e formações ideológicas compõem uma formação discursiva. Para ele, a formação discursiva não só possibilita condições de produção do discurso, como também determina o espaço/lugar e época específicos e historicamente, com dizeres e sujeitos organizados num momento histórico.

Fernandes (2005) acrescenta que a formação discursiva não se relaciona somente a uma época, podendo formar-se por diferentes espaços, momentos históricos, condições de produção, novo momento histórico e, conseqüentemente, efeitos outros de sentido, para o qual:

Uma formação discursiva caracteriza-se pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem, pela possibilidade de explicitar como cada objeto do discurso tem, nela, o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que a engendram derivam de um jogo de relações (FERNANDES, 2005, p. 55).

No contexto discursivo, a voz do chargista determina o sentido que cada palavra, no qual “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 1999, p. 42).

O sentido do discurso não é fixo, dialoga com outras formações discursivas, ou seja, um texto traz outras vozes, com um mesmo enunciado podendo ter sentidos outros em contextos diferentes, a depender de posições de quem as emprega, pois, gramaticalmente, a língua é a mesma. Mediante a posição externa de quem fala, onde e para quem se fala, há interferência no

sentido discursivo. Na charge, essa troca discursiva é muito comum, em que enunciados gramaticalmente idênticos, em diferentes contextos, assumem sentidos diferentes.

A formação discursiva relaciona-se com o interdiscurso, já que palavras dialogam com outras palavras, e o discurso desenha-se a partir da relação dele com outros discursos, sendo consequência de uma série de características que fazem surgir os sujeitos e os dizeres incluídos em diferentes espaços. Nos termos de Fernandes:

Os enunciados apreendidos em dada materialidade linguística explicitam que o discurso se constitui da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que se transformam e modificam-se. Uma formação discursiva dada apresenta elementos vindos de outras formações discursivas que, por vezes, contradizem, refutam-na (FERNANDES, 2005, p. 49).

2.4 Interdiscurso: heterogeneidade não marcada

Como este estudo ancora-se nos processos interdiscursivos, faz-se necessário o conceito de interdiscursividade. Na seção anterior, ressalta-se o conceito de formação discursiva, em que interdiscurso se liga às formações discursivas. De acordo com Fernandes (2005), uma formação discursiva apresenta discursos outros que a AD conceituará como interdiscursos. Portanto, o interdiscurso caracteriza-se por ligar discursos, advindos de momentos históricos e lugares sociais distintos e relacionados a elementos exteriores à linguagem.

O conceito de heterogeneidade, no contexto discursivo proposto por Authier Revuz (1990), apresenta a noção de linguagem a partir de diversas vozes presentes no discurso. A autora salienta que, num contexto discursivo, sob as palavras, outras são ditas, de modo que o enunciador consegue apresentar, mesmo de forma implícita, uma crítica a determinado tema, sem precisar expor abertamente a opinião dele.

Visando a um estudo mais bem detalhado sobre a existência do Outro no discurso, essa linguista propõe a *heterogeneidade mostrada* (marcada⁴ e não marcada) e *heterogeneidade constitutiva*. Neste estudo, recorta-se a *heterogeneidade não marcada*.

Na *heterogeneidade não mostrada*, há a presença de um recurso estratégico muito comum que expressa o humor na charge: o uso da *ironia* como forma de “camuflar” o real sentido, não com o intuito de esconder do leitor o posicionamento dele; na contramão disso, ele quer que o leitor o interprete e entenda. O chargista, ao trazer à baila a ironia na construção da crítica, expõe a opinião dele e faz um convite ao leitor sobre o assunto discutido, para a percepção deste dos efeitos de humor por detrás do propósito comunicativo dele.

Para Mateo (1995, p. 15): “a ironia tem a intenção de ser entendida, e o fato de que há um real sentido, diferente daquele que está sendo enunciado, é essencial para obtenção do efeito irônico completo”, em que o propósito apresentado deixa de ser risível, engraçado e assume o papel de objeto de crítica e denúncia, com a charge a ser analisada. Normalmente, o texto humorístico provoca riso, porém, a ambiguidade, propositalmente produzida entre o dito e sentido interpretado, dá ao texto caráter crítico e apelativo. Daí a charge ter o propósito de satirizar em tom humorístico fatos atuais, políticos ou sociais.

Cabe ressaltar que a ironia pode ser observada na organização da imagem na charge, nas cores, na escolha vocabular etc., por isso (MATEO, 1995, p. 198) pontua: “a ironia depende de um contexto, uma vez que surge das relações de uma palavra, expressão ou ação com o texto” e suas condições de produção. Caricaturas e a própria ironia são recursos que despertam humor; seria um equívoco afirmar que o humor advém tão somente de elementos verbais.

Nesse sentido, a marca principal da ironia é a contradição, de modo que o leitor precisa analisar o contexto. O contexto histórico-social (associado às imagens) e a linguagem verbal vão mostrar as possibilidades de sentido, de efeito de humor, apresentando ao leitor a possibilidade de interpretação e entendimento da crítica/denúncia sugerida.

A ironia possibilita o desnudamento de aspectos sociais, de modo que, associada ao humor sarcástico e ao deboche, provoca o interesse do leitor, com o chargista instigando o leitor a compreender o não dito que se esconde sob o explícito, pela análise do contexto enunciativo. O poder de argumentação e o humor são provocados pelo efeito irônico, a partir da articulação entre imagens e palavras, com o chargista recorrendo ao contexto social e a outros textos de referência, veiculando credibilidade pela ironia e pelo deboche.

Nessa medida, o uso recorrente da ironia, de trocadilhos, da linguagem figurada e de palavras com duplo sentido a fim de conduzir o leitor a atuar sobre o texto e estar atento ao efeito de sentido. Nessa direção, sobre a charge, ponderam Maia e Matias (2014, p.1019):

Quase sempre recria, por caricaturas, a imagem de pessoas públicas envolvidas em eventos capazes de gerar polêmica. Para que a leitura seja dinâmica, o texto chágico tem como meta satirizar, muitas vezes associando o humor satírico ao deboche e à ironia. Dessa forma instiga o pensamento crítico do leitor, levando-o a seposicionar, mesmo de forma imperceptível diante do texto (MAIA; MATIAS, 2014, p. 1019).

2.5 O gênero charge e o discurso multimodal

Atualmente, há diversos gêneros textuais/discursivos constituídos de multimodos de linguagem, explorando artefatos verbo-visuais, demandando uma leitura crítico-reflexiva, na



compreensão de efeitos de sentido e de ideologias, entre os quais a charge. Abordando temas atuais, principalmente voltados à política, para criticar e/ou denunciar fatos, pessoas etc., ela se popularizou e ganhou espaço na sociedade, com caricaturas, imagens, palavras, gestos etc.

Nessa mesma linha de pensamento, nas palavras de Houaiss e Villar (2001), ela é vista como um desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculado, geralmente, pela imprensa, cujo tema se volta a acontecimento atual, com criticidade, focalizando, pela caricatura, pessoas.

As caricaturas são desenhos baseados em personagens da vida real, apresentados, propositalmente, com exagero de formas e de características, resultando em figuras com caracterização tão acentuadas e grotescas que podem despertar o riso. Ramos (2007, p. 258), ao citar Fonseca (1999, p. 17), afirma que caricatura é a representação “plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo ou ideia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ou grotesco”.

Produzidas via discurso multiproposicional, as charges buscam, pelo bom humor e pela ironia, incentivar o leitor, valendo-se de uma interconexão entre imagens e palavras, na adoção de um posicionamento crítico frente a problemas sociais, como bem afirma Maia e Matias (2014). Para compreendê-la, faz-se necessário estar bem-informado, conhecer notícias atuais, acontecimentos sócio-históricos, entre outros. Caso o leitor não esteja atento ao que acontece, condicionando o entendimento das charges ao contexto, não é capaz de realizar inferências e relações que possibilitam captar os sentidos presentes, incluindo efeitos de humor.

Articulando recursos sígnicos, como uma característica inerente, numa simbiose entre a linguagem verbal e visual, a charge procura desarticular a ideia de que a imagem serve somente como item decorativo, o que possibilita afirmar que, na teia argumentativo-crítico-reflexiva, ocorrerão a mistura de imagens (em forma de caricaturas), o uso de palavras, cores, balões, caricaturas, gestos faciais e corporais dos personagens encenados, segundo a criatividade do chargista. Poucos textos valem-se somente da linguagem verbal.

Se se considerar a linguagem verbal, na *mis-en-scène*, destacam-se a fala e o pensamento dos personagens, como legendas ou título de produção. Dessa forma:

As representações do verbal nas charges seguem as mesmas formas das histórias em quadrinhos. Os signos linguísticos presentes nas charges têm por função representar a fala de personagens (quando dentro dos balões) e os diversos tipos de ruídos, aparecendo, ainda, nas legendas e em figuras componentes do quadro (ROMUALDO, 2000, p. 28, *apud* RAMOS, 2007, p. 264).

Segundo Miani (2012), via de regra, a charge apresenta textos e palavras, com o verbal tornando importante para explicitar a intencionalidade ou completar o humor e o tom político. Por se tratar de um gênero de poucas palavras, o chargista busca condensar informações nas imagens, buscando uma relação polifônica com outros textos, de forma que, para a compreensão dela, o leitor precisa estar atualizado, e com o mínimo de conhecimento de fatos relevantes.

Em vista disso, a charge não pode ser pensada como um texto isolado, mas vinculada ao contexto atual. Para entender o propósito comunicativo chargístico, o conhecimento prévio de outros textos e principalmente de informações relevantes atuais, além de experiências vividas pelo leitor, são importantes.

O autor da charge, ao fazer uso da combinação verbo-visual, de forma a alcançar o propósito comunicativo, não consegue gerar humor se o leitor não conhecer textos outros. O conhecimento prévio se torna importante, assim como a leitura de textos outros, pois ele recorre não só a outros contextos como forma de provar a veracidade do que diz, como também a outros textos, em que o dialogismo garante maior confiabilidade e poder de persuasão, além de estabelecer autonomia e caráter crítico apelativo à charge.

Diferentemente do que muitas pessoas pensam, pode-se dizer que o intuito desse gênero não é ser algo risível, engraçado ou causar apenas entretenimento, mas, sim, persuadir o leitor, possibilitar que ele reflita, alertá-lo e denunciar problemas sociais. Na esteira dessas ideias, é válido pontuar que, numa crítica da realidade social, opiniões são expostas de forma implícita e irônica, com vistas a levar o leitor a uma tomada de decisão. Para Maia e Matias (2014, p. 1020), na charge, “[...] o sentido dramatiza ações reais do sujeito para denunciar relações desse sujeito com a realidade, por isso o significado de um ato não está nele, mas no que ele esconde”.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo do entendimento de que, para vertente francesa da AD, o sentido em si não existe, sendo construído à medida que se constitui o próprio discurso, e determinado, simultaneamente, às posições ideológicas que se colocam na relação entre as formações discursivas que compõem o interdiscurso, as charges são analisadas considerando o contexto em que foram produzidas para que se possa ter o entendimento adequado às possibilidades de leitura que o texto veicula. Assim, o sentido não preexiste, mas, sim, as condições de produção que resultam em tal sentido.

A pesquisa é de delineamento qualitativo e de cunho analítico-interpretativo, nos termos de Denzin e Lincoln (2010), para os quais a pesquisa qualitativa se pauta por práticas materiais

e interpretativas, permitindo ao pesquisador uma reflexão ampla e uma análise interpretativo-crítica.

Nos termos de Denzin e Lincoln (2010, p. 37), “não existe uma única verdade interpretativa. O que existe são múltiplas comunidades interpretativas, cada qual com seus próprios critérios para avaliar”, para os quais “o campo de pesquisa qualitativa é definido por uma série de tensões, contradições e hesitações” (p. 38), permitindo aos envolvidos um espaço de trocas e interações.

A análise dividiu-se em dois momentos. O primeiro foi dedicado à coleta, seleção e organização das charges. O segundo concentrou-se na análise interpretativa, para analisar as relações interdiscursivas tecidas, originárias de momentos históricos e lugares sociais distintos, discutindo a crítica social por meio da ironia e da multimodalidade.

Nesse contexto, para entendimento dos sentidos que se abrem (não aparentes, não explícitos, silenciados), este estudo se vale de um exemplário constituído por duas charges, publicadas em meio digital, que partiram da realidade vivenciada no contexto social, político e pandêmico de produção, acarretado pelo vírus Covid-19.

Primeiramente, para a realização deste estudo, utilizam-se métodos de caráter bibliográfico que se caracterizam pela investigação em livros, revistas, artigos científicos, tendo como pressupostos teóricos autores da AD, além de outros que se fizerem pertinentes, no que concerne ao gênero charge. Depois, refinando a proposta de análise, como o discurso se pauta na relação entre linguagem e mundo, a compreensão do efeito do sentido exposto se processa a partir do entendimento do contexto social e histórico em que foi produzido.

Para fins de análise da charge, foi necessário entender as relações interdiscursivas e a manifestação delas nesse gênero, o que pressupõe determinado conhecimento da atualidade (política, economia, cultura), além da interpretação, na verbo-visualidade, de diferentes artefatos signícos, de maneira que o sentido só se torna possível pelas interdiscursividades que se instauram no discurso.

3. ANÁLISE DAS CHARGES

Nesta seção, com vistas à concretude do estudo, apresentam-se as duas charges que foram analisadas, utilizando o suporte teórico exposto sobre algumas noções da AD, procurando dar destaque aos aspectos sociocultural e ideológico-histórico de cada uma delas, mostrando as possíveis interferências deles nos participantes das charges, com ênfase no processo irônico e na multimodalidade. Isso posto, expomo-las a seguir.

Figura 1: Pandemia.

PANDEMIA...



Fonte: Blog do AFTM (2020).

Na charge em tela, de Luiz Fernando Cazo, há um diálogo provável entre uma mãe andando, de mãos dadas, e o filho, na rua, ambos com máscara, para se protegerem contra o vírus, evidenciando um momento da pandemia. Ao passarem próximo a uma outra senhora, idosa (cabelos brancos), desprotegida (sem máscara), com o olhar ofuscado (diferente do olhar deles), parada, com mãos para trás, carregando uma faixa com os dizeres “DEMOCRACIA”, o garotinho questiona, ironicamente, se ela também não deveria ser protegida.

Durante esse diálogo, num jogo cênico, há uma saliência na tipografia das letras, no tamanho de algumas palavras: “PROTEGER”, “SENHORA”, “TAMBÉM”, “GRUPO” e “RISCO”, assim como um plano acinzentado (mais claro e mais escuro), voltado ao simbolismo cultural das cores, aludindo a vida indefinida, sem muitas expectativas, num horizonte de incertezas. Nesse período pandêmico, os idosos, entre outros, são grupo de risco, para os quais é dando maior ênfase, em que, ironicamente e interdiscursivamente, o chargista chama a atenção para a “senhora democracia”, base primordial para um bom convívio em sociedade, a qual, também, deveria merecer atenção naquele momento.

O fato de ser a criança o autor da fala chama a atenção, pois, historicamente, é dito que a criança, elemento mais saliente, no centro da imagem, é o futuro de uma nação, representando a esperança dela. O chargista demonstra a necessidade de um olhar mais atento à democracia e

à esperança Brasil, pois, apesar da preocupação atual com a pandemia, a nova geração está com olhar voltado à pandemia e a outro problema social.

A ambiguidade propositalmente inserida pelo chargista, por meio da falade uma criança, que se encontra em uma composição central, um elemento da imagem a que o leitor deve direcionar a atenção particular, e do referencial da senhora representando a democracia, materializado pela imagem da faixa, evidenciando o apelo do chargista ao momento difícil pelo qual o Brasil passava. Mateo (2010, p. 199) pontua:

O ironista nem sempre precisa sinalizar sua intenção de ironizar: o tópico em si ou os valores compartilhados pelo ironista e pela vítima podem sugerir que ele só pode estar sendo irônico. Em outras palavras, os sinais podem estar no contexto (valores comuns informam a vítima de que o ironista “não pode estar falando sério”) ou podem acompanhar o texto (gestos...) ou ser parte do texto em si (MATEO, 2010, p. 199, grifos da autora).

Desse modo, a faixa com a palavra democracia sugere que o chargista não fala da senhora como pessoa, em que a heterogeneidade transparece no espaço do implícito, do sugerido, o que deixa entrever uma distância proposital entre aquilo que se diz e o que fica velado, possibilitando que essa charge represente a significação dela.

Há uma metaforização representada nela pelo fato de que, enquanto a atenção pública, momentaneamente, estava voltada à pandemia do coronavírus, atitudes antidemocráticas estavam acontecendo, pois, já naquela época, início da pandemia, veiculavam, nos principais jornais do país, notícias relacionadas à/aos/aos intimidação das pessoas, liberdade de imprensa,

ataques ao Congresso e Supremo Tribunal Federal, além de questionamentos da confiabilidade das urnas eletrônicas. Para Fernandes (2005), essa charge é exterior ao contexto linguístico, dependendo do conhecimento sobre acontecimentos no período em que foi publicada.

O uso da ironia provoca o interesse do leitor e incentiva-o a ler além das palavras, em que, na consideração do “não dito”, o chargista apresenta a denúncia. Ao falar em proteção à “senhora”, ele não está falando de proteção contra o coronavírus, e, sim, da democracia neste país, usando a doença para colocar em evidência a necessidade de transformação e de reflexão sobre a democracia, em que o não dito é utilizado como elemento importante na construção do humor e principalmente da crítica. Segundo Orlandi (1999, p. 82):

O subentendido depende do contexto. Não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito. Essa teoria da da semântica argumentativa desenvolveu-se aprofundando certas noções, modificando outras, mas mantém o fato de que o não-dito é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se (ORLANDI, 1999, p. 82).

Figura 2: O Pandemônio da Pandemia.



Fonte: Blog do Juca (2020).

Nesta charge, de autoria do cartunista Jaguar, retirada da coluna de opinião de Juca Kfourri, veiculada na página Uol, em 3 de abril de 2020, verifica-se, também, uma alusão ao contexto pandêmico provocado pela Covid-19, evidenciando e criticando o problema da desigualdade social em um momento da crise sanitária, trazendo o signo imagético de um homem morador em situação de rua, caricaturado, maltrapilho, sujo, invisível aos olhos da sociedade, com um olhar diretivo ao leitor, que, por meio de uma pergunta retórica, questiona a recomendação das autoridades de ficar em casa para evitar a propagação do coronavírus.

O jogo de palavras e citações de personalidades reconhecidas remetem ao interdiscurso definido como “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito e que está na base do dizível” (ORLANDI, 2001, p. 31). Inicialmente, interdiscursivamente, faz-se uma analogia à atriz sueca Greta Garbo, reconhecida internacionalmente pela atuação dela no teatro e no cinema e pela autoria da famosa frase “I want to be alone” (quero ficar sozinha), em que, no auge da carreira, proferiu essa célebre frase e passou a viver reclusa, longe dos holofotes midiáticos. Nesse contexto, o chargista resgata essa atitude da atriz e remonta-a na realidade da pandemia, a partir das recomendações das autoridades para que todos ficassem em casa. A ênfase está no fato de que, naquela época, a famosa atriz, por escolha, quis ficar em casa; assim, na pandemia, os cidadãos poderiam, por obrigação, ter a mesma atitude.

A segunda referência volta-se a Pilatos, personagem da Bíblia Sagrada, que, como líder político, diante da pressão popular pela condenação, não se posiciona e “lava as mãos” para a

crucificação de Jesus. A expressão popularizou-se e, desde então, é utilizada quando o sujeito se isenta da responsabilidade ou culpa por determinado ato. A duplicidade da expressão gera a comicidade e pode ser interpretada na sua literalidade “lave as mãos”, já que uma das principais recomendações da Organização Mundial da Saúde, durante o período de pandemia, era a de lavar as mãos; ou pode, ainda, estar voltada à omissão, falta de comprometimento e irresponsabilidade das autoridades diante da pandemia.

A ênfase nos termos (cor vermelha) “NÃO SAIA DE CASA” e “LAVE AS MÃOS” chama a atenção do leitor, contrastando com a imagem do sujeito em situação de vulnerabilidade, apresentando a saliência de traços pretos, o que pode denotar a sujeira em que os moradores em situação de rua vivem e a falta de condição deles em relação a quem possui um lar. Nesse sentido, os sentidos das palavras são adquiridos pela materialidade linguística e são reforçados pelos sujeitos, em que tudo influi na construção dos significados.

Romualdo (2000) salienta que, ao analisar uma charge, é preciso levar em consideração, entre outros fatores, a associação entre as linguagens verbo-visuais. Para ele, a associação entre imagens e palavras, com os elementos externos à charge, como a cultura e o ambiente, garantem a comunicação.

O suporte contextual exerce grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois elas só alcançarão o seu efeito na medida em que o referente for conhecido e as demais circunstâncias, incluindo as situações ou fatos políticos aos quais elas se referem, também o forem. Se isso não acontece, o seu sentido se esvai (ROMUALDO, 2000, p. 36-37).

No contexto discursivo, corroborando Orlandi, cumpre ressaltar que o sentido não existe por si só, mas depende do processo discursivo em que as palavras são pronunciadas, e a charge emdestaque carrega marcas da formação ideológica, para quem:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações ideológicas (ORLANDI, 1999, p. 43).

Desse modo, no campo ideológico, é estabelecido o sentido dessa charge. Observa-se o contexto social de um morador economicamente inferior, vulnerável, normalmente esquecido, sem acesso ao básico e a um teto, que sobrevive, provavelmente, através de doações (observa-se um chapéu virado para cima, elemento do qual se vale para pedir esmolas), sendo recomendado a ele ficar em casa. Contrapondo essa situação de vulnerabilidade social, apresenta-se nome de uma personalidade que dispõe de conforto e que, por livre escolha, pode ficar tranquilamente em casa.

Através da plurissignificação de recursos sígnicos (vestes rasgadas, velhas e desbotadas; cabelos grandes e despenteados; unhas e corpo não higienizados; barba por fazer; e pés descalços), observa-se a exposição pelo chargista de uma das mazelas antropológicas da sociedade, retratando a vulnerabilidade social apresentada por uma pessoa pobre, em contraposição ao texto verbal. A cor das vestes maltrapilhas dele, azul e amarelo, cor da bandeira brasileira, remetem, especificamente, aos brasileiros em situação de rua.

A heterogeneidade não marcada, entretanto, está presente na fala do chargista que se utiliza de um momento pandêmico de grande repercussão para se apropriar da fala de morador em situação de rua (para quem há um balão) para proferir: “como poderia sair de casa se nunca entrei?” Aqui, o chargista tece críticas, de modo irônico e debochado, a um grave problema social atual: a desigualdade econômica, tema considerado não risível, que não pode ser forjado pelas pessoas.

Enquanto a recomendação das autoridades é de que a população fique em casa para evitar a propagação do vírus, como os moradores de rua lidarão com isso? Como procederão no período de isolamento não possuem uma casa? No contexto linguístico, a utilização da forma verbal “poderia” expressa a indignação do sujeito discursivo frente à proposta de ficar em casa. A expressão evidencia o fato de como isso seria possível se ele não tem e nunca teve uma casa.

A partir das diversas vozes presentes no discurso, o chargista, de modo jocoso, apresenta a crítica dele de forma implícita. Nos termos de Authier Revuz (1990), nesse caso, o chargista consegue ironizar/criticar determinado um fato sem deixar visível as significações implícitas, com um “Outro dizer” no discurso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresenta a possibilidade e a necessidade de se pensar na língua(gem) norteadas pelo discurso, não se limitando à estrutura linguística, como eco e ressonâncias de discursos outros, mostrando a capacidade de ela adquirir sentido plurais, a partir das condições de produção em que se encontra inserida, em um determinado tempo e espaço, evocando questões histórico-sociais e políticas.

Assim é que, a partir da análise do sujeito discursivo irônico nesses dois textos sob análise, conclui-se que o efeito de sentido se dá a partir do discurso e que a crítica apresentada decorre do contexto histórico-social em que o gênero charge foi produzido.

Dito isso, a análise discursiva apresentada adensa no conteúdo ideológico, mostrando a riqueza dos diferentes modos da linguagem na verbo-visualidade, na compreensão deles na

realidade social, com um olhar crítico na possibilidade de dizer das palavras e das imagens, imbricados na interdiscursividade e na interação discursiva, resultando num humor não risível.

Com este estudo, espera-se incitar pesquisas outras que envolvam o papel da linguagem na construção de sentidos, buscando analisar a presença do discurso dos “outros”, entremeados no discurso do chargista, considerando leituras de natureza verbal e/ou multimodal, na emergência de temas públicos, especialmente relacionados ao contexto da pandemia.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2004.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Edição rev. e ampl. Pontes, 2021.

FONSECA, J. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Editora Artes e Ofício, 1999.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Adalberto de O. Souza. Maringá Universidade Estadual de Maringá. 1995. (Série Apontamentos n. 29).

GUERRA, V. M. L. Uma reflexão sobre alguns conceitos da análise do discurso da linha francesa. In: **SCIENCULT**, v.1, nº. 1, 2009, UFSM. Anais do Sciencult. Parnaíba: UFSM, 2009. p. 5-18. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cfernandes/analise-do-discurso/textos/UMA%20REFLEXO%20SOBRE%20ALGUNS%20CONCEITOS%20DA%20ANLISE%20DO.pdf/at_download/file>. Acessado em: Mar, 2023.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAIA, J. V. **A leitura crítica a partir da interpretação de charges jornalísticas**. 2011. p. 1-137. Dissertação de mestrado - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MATEO, M. A tradução da ironia. Espanha: Universidade de Oviedo. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Brasi, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2010v1n25p197/22234>> Acessado em: Mar, 2023.

MATIAS, A. F.; MAIA, J. V. A história da charge e seu uso no pós-64. In: **ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 13.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3.; SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS- SINECGEO, 3.**, 2014, Fortaleza. Anais Fortaleza (CE). Fortaleza: IMPRECE, 2014. p. 1013-1025. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/41525>>. Acessado em: Mar, 2023.

MIANI, R. A. **Charge**: uma prática discursiva e ideológica. 9ª. Arte: São Paulo, vol. 1, nº. 1, 37-48, 1º. semestre/2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura e acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

RAMOS, P. E. **Tiras e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. São Paulo, 2007.

REVUZ J. A. Heterogeneidades enunciativas. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>>. Acessado em: Mar, 2023.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia. Maringá: Ed. UEM, 2000.

SILVA, C. L. M. **A aula de língua portuguesa**: uma proposta de trabalho com charges. 2004. Monografia. Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <www.unesc.br/curso/pos-graduação/mestrado>. Acessado em: Out, 2022.

BLOG DO JUCA. **Mais duas charges sobre a pandemia**. 2020. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2020/04/mais-duas-charges-sobre-a-pandemia>>. Acessado em: Jul, 2022.

BLOG DO AFTM. **Charges pandemia**. 2022. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charges_pandemia/>. Acessado em: Jun, 2022.